

EMÍLIO WILLEMS E A INVENÇÃO DO TEUTO-BRASILEIRO, ENTRE A ACULTURAÇÃO E A ASSIMILAÇÃO (1940-1946)

Emílio Willems and the invention of the German-Brazilian, between the aculturation and the assimilation

André Fabiano Voigt*

RESUMO

O presente artigo pretende analisar as questões que tornaram possíveis ao antropólogo Emílio Willems a formulação do termo teuto-brasileiro como um conceito sociológico designativo das populações de imigrantes alemães e descendentes no Brasil, durante a década de 1940.

Palavras-chave: etnografia; historiografia; germanidade.

ABSTRACT

The present article intends to analyse the questions that made possible to the anthropologist Emílio Willems the formulation of the term “teuto-brasileiro” (German-Brazilian) as a sociological concept, which designates the populations of German and descending immigrants in Brazil, during the decade of 1940.

Keywords: ethnography; historiography; germanity.

Antes de iniciar a exposição sobre Willems e a invenção do conceito “teuto-brasileiro”, é importante colocar um ponto de discussão. Giralda Seyferth, em seu artigo intitulado *Etnicidade e cultura: a constituição da identidade teuto-brasileira*, coloca que:

* Professor do Departamento de História e Geografia da FURB (Universidade Regional de Blumenau) e doutorando em História Cultural na UFSC (Universidade Federal de Santa Catarina).

A maior parte dos cientistas sociais que analisaram a imigração alemã certamente negaria aos teuto-brasileiros a condição de grupo étnico; seus trabalhos estavam voltados para fenômenos teoricamente definidos pelos conceitos de assimilação e aculturação, e viam manifestações de natureza étnica como resíduos ou sobrevivências resistentes à mudança imposta pela sociedade nacional e destinados ao desaparecimento progressivo.¹

Esta afirmação de Seyferth merece ser revista. Até que ponto Emílio Willems analisa a imigração alemã *apenas* através dos conceitos de *assimilação* e *aculturação*? Será que o autor realmente vê as manifestações de natureza étnica entre imigrantes e descendentes apenas como *resíduos* destinados ao desaparecimento? A partir destas questões, serão percorridos os caminhos pelos quais o autor deixa evidências, rastros que levaram à institucionalização do conceito de *teuto-brasileiro* na discussão acadêmica das ciências humanas e sociais no Brasil.

Willems procura, em seus livros *Assimilação e Populações Marginais no Brasil*, publicado em 1940, e *A Aculturação dos Alemães no Brasil*, publicado em 1946, analisar os imigrantes alemães e descendentes no Brasil através de um conjunto de conceitos e noções da então recente *antropologia cultural*, que surge como uma outra possibilidade de classificação social do mundo que não a racial. Assim, em um país mestiço como o Brasil, a possibilidade de se caracterizar uma identidade cultural só seria possível através de conceitos já utilizados pelos antropólogos estadunidenses para medir o processo de homogeneização cultural até então efetuado nos Estados Unidos da América. Estes conceitos são, principalmente, os de *assimilação* e *aculturação*. Desta maneira, Willems discute pela primeira vez em 1940 o processo de assimilação dos imigrantes alemães no Brasil, do mesmo modo que um grupo de antropólogos fez em relação aos Estados Unidos após a Primeira Guerra Mundial.

É importante lembrar que o próprio autor aborda como o termo *assimilação* foi transferido do campo enunciativo da biologia – que consis-

1 SEYFERTH, Giralda. Etnicidade e cultura: a constituição da identidade teuto-brasileira. In: ZARUR, G. de C. Leite (Org.). *Etnia e nação na América Latina*. v. II. Washington DC, 1997. p. 17-36. Disponível em: <http://www.iacd.oas.org/Interamer/Interamerhtml/Zarur45html/Zar45_Seyf.htm> Acesso em: 05/01/2005.

te nos “processos pelos quais um organismo transforma uma substância de tal modo que esta perde suas qualidades anteriores a ponto de fundir-se com a própria substância orgânica”² – ao campo da sociologia, onde Henry Fairchild, sociólogo estadunidense, faz em 1938 uma comparação entre a assimilação social e a assimilação orgânica, cuja semelhança está no modo pelo qual há uma perda inicial das características anteriores e a adoção de novas características, semelhantes ao novo meio ou à nova nacionalidade.

Estes conceitos surgem, destarte, como uma forma de desqualificar a teoria do *melting-pot*, que inclui o caldeamento das etnias como processo natural e fator necessário para a formação de um povo. Willems, de acordo com a discussão da antropologia estadunidense, atenta para o fato que “o simples contacto ou a mera simbiose de etnias diversas não envolve, de modo algum, o seu caldeamento”, o que já possibilita que haja *inclusão cultural* sem a necessidade de *caldeamento*, conclusão esta muito oportuna para silenciar os movimentos mais sectários no Brasil durante o início da Segunda Guerra Mundial.

O autor conclui, então, que a assimilação é um processo sócio-cultural e bilateral, onde são selecionados e eliminados alguns dados culturais, prevalecendo os padrões de um dos grupos sociais. Afirma em seus dois livros que a assimilação é, acima de tudo, uma transformação emocional, psíquica, que envolve “reajustamentos de personalidade”, bem como sustenta que assimilação e aculturação são aspectos complementares de um processo único.³

No entanto, já se iniciam as diferenças de abordagem entre os seus dois livros. Se em *Assimilação*, o autor coloca o processo de assimilação em primeiro lugar, afirmando que “a verdadeira assimilação opera-se, segundo as nossas observações, na esfera econômica, na esfera religiosa e na esfera da estrutura familiar”, em seu segundo livro – *Aculturação* – já atribui às mudanças e permanências no idioma, na religião, nos sistemas econômicos e nos regimes matrimoniais a possibilidade de se estudá-las em seus aspectos culturais, caracterizando, assim, o conceito de *aculturação*.

2 WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1940. p. 1.

3 *Ibid.*, p. 13-14.

Todavia, acrescenta que os estudos aculturativos são complementares aos processos sócio-psíquicos da assimilação. O estudo da aculturação será, para Willems, muito importante para medir o grau de assimilação do imigrante e descendente, de modo que um dos fatores mais relevantes para o autor na análise da aculturação está na “língua realmente falada” e nas suas transformações lingüísticas, oriundas do contato entre o idioma do país de origem e o idioma do país adotivo. Desta forma, será possível medir descritivamente as substituições de valores lingüísticos e, por conseguinte, definir o quanto estão integradas às personalidades dos imigrantes e descendentes.

Ainda sobre as mudanças culturais, o autor discute o conceito de “processo de fusão” de Ralph Linton, discordando que haja a necessidade de desaparecimento das duas culturas originárias e de sua amalgamação biológica para que haja fusão. Willems coloca que vários povos americanos, mesmo recebendo correntes imigratórias de origens étnicas diversas, “conservaram a sua identidade cultural”, bem como não há relação necessária entre fusão cultural e amalgamação.⁴ Além disso, estende esta afirmação aos exemplos de colonização germânica no Brasil, confirmando que não há dependência entre assimilação e amalgamação. Assim, Emílio Willems abre, principalmente em seu segundo livro, a possibilidade de haver aculturação e assimilação como processos não-biológicos e com um *grande potencial de manutenção de identidades culturais*, deixando, portanto, caminho aberto para a construção de identidades étnicas e culturais no Brasil em grupos sociais de imigrantes e descendentes que não passaram por um processo de miscigenação ou integração cultural mais profunda com o luso, o negro ou o indígena.

A primeira referência na abordagem de Emílio Willems para caracterizar culturalmente os imigrantes alemães e descendentes no Brasil é a constatação do isolamento, ou *insulamento social*, das várias colônias do Sul.

Como exemplo disso, o autor, em 1940, expõe que “a falta de contactos sociais com a população nativa deve ser considerada como uma das características mais acentuadas das colônias germânicas do Brasil meridional”.⁵ Além disso, defende igualmente que o *insulamento social* – en-

4 WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1980. p. 23.

5 WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1940. p. 85.

tendido por Willems como a privação de contatos e relações tanto com a sociedade de origem quanto a sociedade adotiva – representa uma “vida cultural relativamente autônoma”, onde a assimilação não pôde ser efetuada por décadas.⁶ Em 1946, vai mais adiante em suas conclusões, concebendo o isolamento como praticamente o início de uma epopéia:

Em termos sociológicos trata-se de um processo de diferenciação e urbanização crescente dos imigrantes ou seus descendentes os quais, abandonados a sua sorte, peneirados e selecionados por uma série de fatores já analisados, constroem uma sociedade que não se confunde com a sociedade litorânea, nem com a do planalto e nem tampouco com a sociedade originária. É uma **sociedade nova** que nasce reunindo elementos culturais das outras três [...].⁷

Ademais, sustenta que esta “sociedade nova” é integrada quase exclusivamente por imigrantes alemães e descendentes, constituindo-se “sem que houvesse possibilidades de integrar, em grande escala, valores culturais brasileiros”.⁸

Parece que Emílio Willems quer situar, a partir do isolamento, a formação de uma sociedade que não poderia mais ser encarada como simples “quistos étnicos”, como alguns membros executivos do governo Vargas ainda denunciavam. Faltaria definir, portanto, *que sociedade é essa e como ela se encontra* em relação ao resto do Brasil.

Surge, assim, a denominação de *teuto-brasileiro* para designar o integrante desta nova sociedade. Este termo possui uma interessante trajetória, cujos significados atribuídos em cem anos são bastante diversos.

Se, em meados do século XIX, o termo *teuto-brasileiro* (Deutschbrasilianer) é utilizado por alguns autores alemães⁹ como uma mera

6 *Ibid.*, p. 86-87.

7 WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1980. p. 105 (grifo nosso).

8 *Ibid.*, p. 105.

9 O termo é, por exemplo, utilizado apenas uma vez por Hermann Blumenau, no livro *Südbrasilien in seinen Beziehungen zu deutscher Auswanderung und Kolonisation* – publicado em 1850, página 23 – para designar simplesmente os colonos alemães situados no Brasil, sem qualquer conotação nacionalista ou de exclusividade étnica.

denominação dos imigrantes alemães estabelecidos em colônias no Brasil, no início do século XX este termo já está bastante difundido entre movimentos políticos e culturais no Sul, os mesmos que são criticados por Gilberto Freyre em 1940. Entre os partidários destes movimentos, o termo *teuto-brasileiro* é utilizado como um símbolo de lutas políticas em torno da manutenção de uma identidade cultural alemã em coexistência com a cidadania brasileira, contrariando os projetos governamentais brasileiros de nacionalização e desintegração dos “quistos étnicos”. Curiosamente, Emílio Willems retoma este termo dentro da conotação bastante polêmica da época e o transfere para o campo enunciativo das ciências sociais no Brasil, onde o próprio autor dá as condições de possibilidade de transformar este termo em um *conceito sociológico*.

Neste ponto, nota-se novamente uma mudança de abordagem entre os dois livros de Willems. Embora em ambas publicações seja usado o conceito de *marginalidade cultural*¹⁰ como forma de definir o teuto-brasileiro, o autor muda mais uma vez o peso das afirmações expostas em seu primeiro livro. Inicialmente, em *Assimilação*, o antropólogo atribui ao teuto-brasileiro a condição de marginalidade cultural, fase passageira de “desequilíbrio cultural”, originada em uma constatação do próprio indivíduo de sua suposta ou real inferioridade. A partir desta constatação, o imigrante ou descendente é levado ao *ressentimento*¹¹ e, por sua vez, à procura de formas de compensar os sentimentos de inferioridade, como, por exemplo, através da exaltação do progresso local dos núcleos teuto-brasileiros, desprezando o “luso”.¹² Por outro lado, em *Aculturação*, também faz referências à marginalidade cultural como uma fase transitória de choques culturais, mas define que estes choques não ocorrem somente entre a cultura alemã e a brasileira, mas sim entre três culturas, incluindo a existência de uma *cultura teuto-brasileira*.¹³ Assim, o autor reconhece, em seu segundo livro, que há uma diferença entre “alemães” e “teuto-brasileiros”, estes úl-

10 Este conceito foi utilizado pela primeira vez por Everett Stonequist em seu livro *The marginal man*, publicado nos Estados Unidos em 1935.

11 O termo ressentimento é utilizado pelo autor em seu primeiro livro, a partir da definição dada por Vierkandt: “impulso de ódio, inimizade ou inveja, de um lado e impotência de outro lado”. (WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1940. p. 102).

12 *Ibid.*, p. 102-121.

13 WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1980. p. 125.

timos elevados à categoria de sociedade e cultura próprias, não lhes atribuindo mais o caráter de marginalidade cultural, afirmado em 1940.

Quais os caminhos que o autor percorre para chegar a esta conclusão?

Mais uma vez, há uma perceptível mudança de abordagem conceitual entre seus dois livros, mesmo que para ambos o autor tenha utilizado como base empírica as pesquisas de campo, que realizou entre 1930 e 1935, nas regiões de colonização alemã do Sul. Se em *Assimilação*, Willems observa vários obstáculos referentes à língua, família, religião, economia, educação, direito e política no processo de assimilação dos imigrantes e descendentes, em *Aculturação*, já os coloca não como obstáculos à assimilação, mas como aspectos da formação desta nova sociedade teuto-brasileira.

Para mencionar alguns exemplos desta mudança de abordagem, podem ser enumerados aspectos analisados em ambas publicações.

Em primeiro lugar, como o próprio autor pontua, as mudanças e permanências do idioma alemão nas comunidades teuto-brasileiras estão entre os principais indicadores do processo de assimilação. Para tanto, utiliza como fonte, em ambos os livros, uma lista de 378 termos portugueses mais usados em zonas de colonização alemã, onde se fala apenas o idioma alemão, nos Estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Espírito Santo. Esta lista foi sistematizada por Carlos Henrique Oberacker Jr. e publicada em 1939 na revista *Sociologia*. Se, em 1940, Willems atribui a incorporação de termos portugueses no linguajar de imigrantes e descendentes à determinação do meio físico e social e ao contato entre o meio urbano e o rural, seis anos depois, contando com 693 termos na lista, depõe a favor da formação de um “linguajar teuto-brasileiro”, originado a partir do isolamento espacial destas comunidades.¹⁴ Apesar de reconhecer os contatos e infiltrações do idioma português nestas comunidades teuto-brasileiras, admite que há um “linguajar teuto-brasileiro”, que seria, na prática, uma nova formação lingüística, portanto, uma *nova comunidade étnica*.

Ainda sobre a questão do idioma, Willems coloca, de maneira pretensamente incidental, uma citação de Oberacker, onde afirma:

14 WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1940. p. 190-204; WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1980. p. 194.

De fato, os indivíduos de sangue alemão, mormente nas cidades e vilas, consideram vergonhoso o fato de alguns de seus parentes ou os colonos das comunidades homogêneas não dominarem o português; mas isto só porque **confundem o português elevando-o acima da posição que lhe cabe como língua do Estado, e o lusitanismo em geral, com brasilidade. O perigo da lusitanização é muito grande** em localidades onde os lusos preponderam, devido a seu número ou àquela opinião nativista, principalmente nas sedes administrativas, nas cidades e vilas.¹⁵

Se Willems pretende, com esta citação, demonstrar aspectos da rivalidade entre os idiomas alemão e português nas localidades teuto-brasileiras, acabou por colocar um ponto muito sério do debate da época. O posicionamento de lideranças culturais em defesa de uma cultura teuto-brasileira, como Oberacker, aparece despreziosamente nas páginas do estudo científico de Willems, o que já indica a tentativa do autor em transferir tal reivindicação para o campo acadêmico-científico. É importante acrescentar que há, em ambos os livros, longos trechos de vários autores que fazem apologia da cultura teuto-brasileira, embora apareçam com uma característica meramente ilustrativa.

O autor analisa, posteriormente, as características da organização familiar entre os teuto-brasileiros. Enquanto que em sua primeira publicação analisa comparativamente as mudanças e permanências das relações intrafamiliares dos teuto-brasileiros, em relação aos padrões familiares germânicos e românicos, a fim de lhes avaliar as possibilidades de assimilação, em seu segundo livro afirma o surgimento de um padrão teuto-brasileiro de organização familiar, baseado em “diferenças econômicas entre o novo e o velho meio”. Exemplos de tais diferenças são a idade de casamento, que teria reduzido sensivelmente entre teuto-brasileiros, porque já não conheceriam a fórmula “gozar a vida primeiro”, como afirma em uma citação que faz do livro de Hans Porzelt, *Der deutsche Bauer in Rio Grande do Sul* [o colono alemão no Rio Grande do Sul], publicado em 1937. Willems vai mais adiante em seus argumentos, sustentando que: “Se a constituição

15 OBERACKER *apud* WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1980, p. 224 (grifo nosso).

de sistemas familiares obedeceu, em quase todos os pormenores, ao modelo brasileiro, a estrutura da família, no sentido restrito, pouca influência recebeu da família brasileira tradicional.”¹⁶ Com isto, o autor reforça a importância da preservação de elementos alemães na formação da família teuto-brasileira.

A família teuto-brasileira torna-se inclusive, na visão de Willems, um novo padrão econômico no Sul brasileiro, baseado no trabalho da pequena propriedade agrícola. Tanto em *Assimilação* quanto em *Aculturação*, sustenta esta afirmativa. No entanto, o autor desenvolve suas idéias diferentemente em seus dois livros, no que tange à organização econômica dos teuto-brasileiros. Em 1940, lança mão de conceitos teóricos weberianos para compreender o comportamento econômico dos teuto-brasileiros, acentuando a diferença entre católicos e luteranos. Desta forma, Emílio Willems é o primeiro autor a transferir a análise de Max Weber da “ética protestante e o espírito do capitalismo” para os imigrantes alemães e seus descendentes no Sul brasileiro. É possível notar como o antropólogo transfere indistintamente os conceitos aplicados por Weber ao protestantismo ascético dos calvinistas nos Estados Unidos para os colonos agrícolas luteranos nas colônias do interior dos Estados meridionais brasileiros. Como exemplo disto, Willems opõe o conceito de *trabalho intermitente*, do catolicismo medieval pré-capitalista, ao de *trabalho permanente*, já inserido em uma lógica capitalista de produção, como forma de demonstrar que, nos países sul-americanos tropicais como o Brasil, teria sido conservada a mentalidade pré-capitalista, ao passo que os imigrantes alemães – principalmente os luteranos – inseriram uma visível diferença de atitudes econômicas no Sul. Ainda em seu primeiro livro, cita um exemplo individual da “ética protestante” no Brasil: Hermann Blumenau.

Como representante do puritanismo, do ideal de trabalho incansável e, ao mesmo tempo, racional, deve ser considerado Hermann Blumenau. Em uma das suas cartas de 1854 lemos estas palavras: ‘Não jogo, não bebo, as mulheres não me custam nada, e isso por causa da impressão moral e também para evitar a libertinagem, o pior do vícios que pode prejudicar uma colônia

16 WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1980. p. 320.

nova e lhe tolher o desenvolvimento. Tudo sacrifiquei pela colônia que precisa muito de auxílio, vivo mais do que parcamente quase que pobremente, afim de não dar azo às comparações odiosas, mostrando a essa gente que é possível acomodar-se quando se quer... [...].¹⁷

Parece que, apesar de ter descoberto a ética protestante de Weber no Brasil, Willems ainda estava preocupado com as dificuldades da assimilação dos teuto-brasileiros, visto que há o embate de mentalidades econômicas divergentes.

Esta não é, contudo, a preocupação do autor em *Aculturação*, onde salienta a formação da nova sociedade, baseada nas mudanças econômicas ocasionadas pela imigração. Partindo da estrutura profissional da Alemanha do século XIX, Willems aponta o alto grau de especialização de profissões, sobretudo de artífices. Estes trabalhadores, ao emigrarem para o Brasil, sofreram o que chama de “desnívelamento econômico”, o que seria a adoção de formas de trabalho e de técnicas agrícolas consideradas ultrapassadas em seu país de origem. No entanto, o fato de serem artífices teria trazido ao Brasil “elementos culturais novos”, a ponto de ter influenciado diretamente na formação das indústrias e no comércio das regiões de colonização alemã, caracterizando, assim, um processo de modernização da produção no Brasil.¹⁸ Além disso, coloca a importância das formas de trabalho em cooperação entre os teuto-brasileiros como influência nas futuras cooperativas do século XX, embora reconheça que as cooperativas não eram conhecidas na cultura originária dos imigrantes. É importante salientar que o autor reafirma, de forma mais sucinta, a relação entre religião e acumulação de riquezas, aos moldes da interpretação weberiana, sustentando que “também na cultura teuto-brasileira há diferenças econômicas entre protestantes e católicos”.¹⁹ É notório que, em 1946, Emílio Willems está certamente concentrado em trazer elementos para conceituar o teuto-brasileiro,

17 WILLEMS, Emílio. *Assimilação e populações marginais no Brasil*. São Paulo: Nacional, 1940. p. 261.

18 WILLEMS, Emílio. *A aculturação dos alemães no Brasil: estudo antropológico dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil*. 2. ed. São Paulo: Nacional, 1980. p. 233-254.

19 *Ibid.*, p. 257.

e o comportamento econômico é um dos argumentos mais utilizados como diferencial do teuto-brasileiro em relação ao resto do Brasil.

Quando aborda os assuntos ligados à religião, o autor não muda sua abordagem, visto que já em 1940 atribui uma característica religiosa que servirá como diferenciação do teuto-brasileiro: *a relação entre religião e germanidade*, principalmente atribuída a evangélico-luteranos. Para tanto, utiliza algumas citações de lideranças teuto-brasileiras que, em seus escritos, afirmam a relação direta entre germanidade e luteranismo, como forma de diferenciá-los dos teuto-brasileiros católicos, que estariam mais suscetíveis à assimilação e à adoção de elementos culturais brasileiros.²⁰

No que diz respeito à educação e às escolas, Willems aprofunda as questões ligadas à religião e ao idioma. Em ambos os livros, admite que há diferenças fundamentais entre a escola rural na Alemanha e as escolas teuto-brasileiras, entre as escolas católicas e protestantes, bem como a importância da escola teuto-brasileira na manutenção do idioma alemão. Novamente, em *Assimilação*, avalia a educação teuto-brasileira inserida no processo de assimilação, enquanto que em *Aculturação*, afirma a criação de um “sistema escolar teuto-brasileiro”, baseado no isolamento das comunidades rurais de colonização alemã e na sua organização em associações escolares como forma de manutenção das mesmas.²¹

Parece, contudo, que Willems procura demonstrar uma opinião não muito favorável a este sistema. Ressalta os baixos pagamentos dos professores, em consequência da baixa cotação das atividades intelectuais entre teuto-brasileiros, assim como a dependência dos professores em relação à comunidade, que paga seus salários através das mensalidades *per capita* diretamente dos pais.²² Chega a apontar que o processo de escolha do professor obedece o princípio de ser inaproveitável para o trabalho braçal.²³ Estas afirmações destoam significativamente da concepção de “escola alemã” que se perpetuou nos estudos posteriores a Willems. Mantém-se, em trabalhos acadêmicos posteriores, a idéia que as escolas alemãs seriam instituições exemplares de educação e modernização, financiadas pelo governo alemão e, principalmente, aquelas sustentadas pela Igreja Evangélica

20 WILLEMS, 1940, *op. cit.*, p. 229-251; WILLEMS, 1980, *op. cit.*, p. 336-363.

21 WILLEMS, 1980, *op. cit.*, p. 279.

22 WILLEMS, 1940, *op. cit.*, p. 288; Cf. WILLEMS, *op. cit.*, 1980 p. 282.

23 WILLEMS, 1980, *op. cit.*, p. 280-281.

Luterana alemã, ligada à Igreja Territorial Prussiana. Infelizmente, não são levadas em conta as várias dificuldades de aceitação social das escolas alemãs nas comunidades rurais teuto-brasileiras, uma vez que a escolarização e o magistério não teriam o mesmo *status* social que na Alemanha.

Quanto ao direito e à política, Willems ressalta os problemas oriundos do choque de concepções jurídicas de cidadania entre a Alemanha e o Brasil, esta baseada no *jus soli* e aquela no *jus sanguinis*. Esta questão foi o motivo de uma longa discussão entre autoridades políticas brasileiras e os “agentes culturais” dos movimentos em defesa da cultura teuto-brasileira. Enquanto estes concordam ser legítima a coexistência da cidadania brasileira com a etnia alemã, aqueles sustentam ser tal coexistência impossível, visto que as estratégias de nacionalização foram empregadas para resolver esta questão no Brasil. Além disso, o autor enfatiza a pouca participação do teuto-brasileiro na política brasileira, que foi cedendo aos poucos às exigências do próprio sistema eleitoral brasileiro.²⁴

Por fim, a diferença clara de abordagem entre seus dois livros é visível principalmente em suas conclusões. Enquanto que, em 1940, o autor expõe uma síntese das idéias expostas ao longo de seu estudo centralizado no conceito de assimilação, seis anos depois, transcende as fronteiras conceituais de sua primeira publicação, inserindo o já naturalizado conceito de *teuto-brasileiro* como sociedade e cultura próprias, através da constatação científica de Emílio Willems:

A dispersão dos colonos e o seu isolamento condicionaram novas formas de organização social em que a família e a vizinhança chegaram a desempenhar um papel mais importante do que na sociedade de origem. Todavia, os colonos estruturaram as suas comunidades baseando-se principalmente na pequena propriedade e no trabalho da família. **Fundadas sobre essas duas instituições, ambas estranhas à sociedade nativa, as comunidades teuto-brasileiras, enquanto puramente agrícolas, permaneceram pouco acessíveis a influências culturais brasileiras. Porém, não se pode afirmar o inverso: inúmeros pequenos grupos de imigrantes ou mesmo indivíduos, introduziram, sobretudo nas**

24 *Ibid.*, p. 364-389.

primeiras décadas da colonização germânica, uma série de elementos culturais trazidos da Europa, na sociedade brasileira do litoral ao planalto.²⁵

Willems, neste trecho, procura afirmar que o imigrante alemão, por seu isolamento, não teria sofrido grande aculturação nas colônias agrícolas, mas teria sido, pelo contrário, um grande inovador cultural no Brasil. Isto atesta uma preocupação do autor em enfatizar uma maior contribuição dos alemães para a cultura brasileira do que uma influência nacional na cultura do imigrante alemão e seus descendentes. Pode-se inferir o quanto estas afirmações foram utilizadas para compreender a contribuição do teuto-brasileiro para a cultura brasileira em plena década de 1940, após as campanhas de nacionalização do Estado Novo.

Ademais, o autor insiste em defender que o teuto-brasileiro, apesar de representar uma cultura marginal, já tinha desenvolvido padrões suficientemente integrados para dirigir as reações individuais e procurar soluções,²⁶ o que já direciona o interesse de Willems em diferenciar o teuto-brasileiro do alemão recém-imigrado e do brasileiro de outras ascendências, formando, assim, uma *nova tipologia étnica dentro do território brasileiro*.

Portanto, Emílio Willems é o primeiro cientista social a dar as condições de possibilidade de transformar o termo *teuto-brasileiro* em um conceito sociológico. Ao contrário das afirmações de Giralda Seyferth, o autor teria constatado a própria insuficiência e falta de alcance dos conceitos de *assimilação* e de *aculturação* para definir cientificamente a situação dos imigrantes alemães e seus descendentes no Brasil, ao verificar que suas manifestações de natureza étnica não poderiam ser consideradas apenas como *resíduos* destinados ao desaparecimento progressivo.

25 *Ibid.*, p. 415 (grifo nosso).

26 *Ibid.*, p. 183.